

RESENHA

FITZGERALD, William. **Slavery and the Roman Literary Imagination**. London: Cambridge University Press, 2000. (Roman Literature and its Contents)

*Sônia Regina Rebel de Araújo**

O tema da ideologia escravista vem ocupando os interesses dos historiadores da Antiguidade Clássica há várias décadas. Um dos livros notáveis sobre este assunto é **Escravidão Antiga e Ideologia Moderna**, de Moses Finley, cuja primeira edição remonta a 1980 e que criou um verdadeiro paradigma nos estudos da escravidão no mundo antigo. Seu terceiro capítulo, “Escravidão e Humanidade”, sobretudo, dá os contornos principais para a abordagem de fontes literárias sobre escravidão, por afirmar que “*é o tema da escravidão que sugere a abordagem [literária]*” (FINLEY, 1991, p. 97-127)¹.

Outro livro fundamental para os estudiosos da escravidão antiga e a ideologia escravista é o de autoria de Peter Garnsey, **Ideas of Slavery from Aristotle to Augustine**, London, Cambridge University Press, 1996, em que aborda: atitudes em relação à escravidão, que vão, num amplo espectro, da aceitação total do sistema escravista até críticas a aspectos deste sistema, e mesmo, palavras de justiça e delicadeza em relação aos escravos; teorias aristotélica e estoica sobre a escravidão, e a derivada dos teólogos cristãos –

* Professora associada do Departamento de História da UFF e do PPGH, e membro do Ceia-UFF.

inclusive a visão de escravidão como metáfora –, que tanto influenciaram os teóricos da escravidão no Novo Mundo (como um Antonil, por exemplo), que elaboraram justificativas para a aceitação da escravidão, por um lado, e recomendaram um tratamento “mais humano” dos escravos, por outro.

William Fitzgerald é historiador americano, Professor of Classics and Comparative Literature, na Universidade da Califórnia e San Diego, autor de vários livros sobre a inter-relação entre História e Literatura². Seu livro aqui examinado é de suma importância tanto para os estudiosos da escravidão em todas as épocas, especialmente a Antiguidade, a ideologia escravista, quanto para aqueles que se interessam pelas relações entre Literatura e História.

Trata-se de um livro sobre a presença de escravos no pensamento e na literatura latinos, o que, de saída, segundo o autor, apresenta o problema da primazia temática do escravo doméstico sobre os escravos rurais, assim como o de que o ponto de vista é dos letrados, portanto, o dos senhores, não o dos escravos. Afirma a onipresença dos escravos na vida dos romanos e que viver com escravos significava várias coisas: em primeiro lugar, indicava um viver civilizado, assim como usar talheres para comer; por outro lado, significava conviver com coisas desagradáveis, mas inevitáveis, como a doença e a morte. Fitzgerald analisa o papel dos escravos na imaginação dos autores latinos, na longa duração do início da República aos Padres da Igreja.

Em seus cinco capítulos, o autor discute vários aspectos da ideologia escravista presentes nos textos literários e fala sobre a experiência real ou imaginária de amos e amas viverem com escravos. O cap. 1, “O outro self: proximidade e simbiose”, mostra o escravo como um outro ser distinto do amo, mas, ao mesmo tempo, como parte do corpo do amo, em simbiose com ele. O segundo capítulo, “Castigo: licença, (auto)controle e fantasia”, enfoca o escravo como indivíduo para ser punido e ter licença para cometer erros, devido à sua inferioridade. Em outras palavras, espera-se que o escravo, devido à sua “natural inferioridade”, cometa erros, apresente sérios defeitos de caráter, que o amo terá que suportar, mas também corrigir. “Escravos entre os livres”, o terceiro capítulo, discute o papel do escravo como substituto do amo, ou mediador entre livres. O tema da metáfora da escravidão como parte estruturante do pensamento romano é desenvolvido no quarto capítulo, “O *continuum* de (servis) relações.” Finalmente, no quinto capítulo, “Escravidão e metamorfoses”, o autor examina escravidão e manumissão como *locus* para discutir mobilidade social expressa através de imagens de metamorfose e hibridismo, e mostra o significado da

metamorfose em relação ao tema da escravidão, abordando, principalmente, **O Asno de Ouro**, de Apuleio, e as imbricações deste romance com outros gêneros, como a fábula.

A influência teórica de M. Finley pode ser observada no primeiro capítulo, quando o autor comenta extensamente a ambiguidade do escravo: ao mesmo tempo ser humano e propriedade. Ao mesmo tempo, Fitzgerald apoia-se no conceito marxista de *contradição*, pois a presença de escravos implica viver entre tensões e conflitos. Um exemplo da inevitabilidade de viver com escravos e com contradições pode ser constatado no fato de que o escravo é visto como parte do corpo do amo, pois ele é essencial como um olho e, ao mesmo tempo, irritante como uma coceira. O paradoxo consiste em que o escravo é a mão e a coceira; a mão agrava a coceira do olho. Outro paradoxo presente nas relações escravistas: o amo deseja que o escravo seja uma extensão de seus desejos e, ao mesmo tempo, que tenha iniciativa para melhor servi-lo (FITZGERALD, 2000, p. 6-8; 23-4).

Ainda sobre a contribuição do texto fundador de Finley sobre este livro, verifica-se o aporte sobre os rotineiros castigos dos escravos. A análise do vocabulário latino em relação à escravidão é uma das qualidades mais relevantes deste livro. Por exemplo, o verbo latino *vapulo*, significando bater, fustigar, aparece em Plauto, *Mercator*: “*Nós não necessitamos de escravas, exceto para ter alguém para tecer, moer o trigo, cortar lenha, fiar sua roupa, limpar a casa, para a gente bater*” (*vapulo*) (FITZGERALD, 2000, p.33). Se o escravo, na ideologia escravista, é um ser para apanhar, ser açoitado, e o chicote é o símbolo primário do poder do amo sobre o escravo, uma das mais importantes marcas – ou características – do corpo do homem livre é que seu corpo é imune a castigo; o homem livre que apanha e é chicoteado em público, é agredido frontalmente em sua honra. Por sua vez, o escravo não tem honra, mas uma das discussões mais interessantes desta obra versa sobre a virtude do escravo: o autor conclui que esta é relativa ao amo, ou seja, o escravo leal, que permanece ao lado do amo e o auxilia em suas dificuldades, é virtuoso.

O quinto capítulo apresenta uma das discussões mais interessantes deste livro, o do tema da metamorfose em animais como indício de cair em escravidão. O autor analisa três ocorrências de metamorfoses em textos latinos: a *Onírica*, de Artemidoro, em que sonhar com bestas de carga poderia significar cair em escravidão; as fábulas, tanto de Esopo quanto de Fedro, um gênero apontado como tendo origem entre escravos letrados, em que se criticam pessoas através da imagem dos animais; e o *romance grego*,

de autoria de Apuleio de Madaura, **O Asno de Ouro**, em que se verifica a metamorfose de um cidadão romano chamado Lúcio em asno, suas desventuras na pele do asno que, em tudo, se assemelham à trajetória dos escravos, até alcançar a recuperação da forma humana, numa segunda metamorfose, graças à intervenção da deusa Ísis.

Esta obra é muito significativa para a observação da ideologia escravista, por vários motivos. Em primeiro lugar, a aparência do asno indica escravidão, tanto por causa do couro grosso – *corio* – que implica castigos físicos, quanto pelas orelhas grandes, que indicam curiosidade, um dos defeitos dos escravos mais recorrentes na literatura (FITZGERALD, 2000, p.102-106). Em segundo lugar, a simbiose entre prazer e trabalho explorado, comum na visão dos letrados romanos sobre o corpo dos escravos, aparece na figura do asno, que é um ser simultaneamente para o trabalho alienado e para o prazer do amo. (FITZGERALD, 2000, p.94-99). A metáfora que une escravos a animais aparece várias vezes, tanto quando Lúcio chama seu cavalo de *famulus*, quanto na ocorrência, no livro XI, do sonho de Lúcio, na véspera de sua iniciação ao culto de Ísis, com a chegada de um escravo chamado Candido, e de fato com a recuperação de seu cavalo branco (*candidus*). Lembro, ainda, que *metaphorá* é a palavra latina, de origem grega, que significa, nas duas línguas, transporte, e sua montaria era o cavalo branco.

Finalmente, uma excelente e original contribuição deste livro para o debate sobre a obra apuleiana, bem como sobre o cristianismo primitivo, é aquela que une a esfera religiosa e a escravidão, e a origem do cristianismo como religião de escravos, assim como uma discussão sobre religião de salvação, aproximando o culto isíaco do cristianismo.

Por tudo isso, este livro é excelente tanto para aprofundar discussões sobre literatura latina como fonte para o historiador da Antiguidade Clássica, quanto sobre escravidão e ideologia escravista em bases muito consistentes e originais.

Notas

¹ A edição utilizada é FINLEY, M. I. **Escravidão Antiga e Ideologia Moderna**. Trad. Norberto Guarinello. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

² Algumas obras de W. Fitzgerald: **Agonistic Poetry: the Pindaric Mode in Pindar, Horace, Hoelderlin and the English Ode, 1987**; **Cattullan Provocations: Liric Poetry and the drama of Position, 1995**.